

 [Imprimir](#)  [Comentários\(0\)](#)  [Enviar por Email](#) Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  [RSS](#)

Valor da aliança com o PMDB é não se coligar com Serra

## Os vários discursos com um mesmo propósito dentro do PT

MURILLO DE ARAGÃO

Sociólogo e cientista político - paula@arkoadvice.com.br

A convenção do PT que apontou Dilma Rousseff como pré-candidata à Presidência da República é um evento pleno de significados. No campo dos discursos, podemos identificar três dimensões claras. A ideológica, onde se deu o embate de posições dos vários setores que integram o PT. A eleitoral, onde o discurso visa à disputa eleitoral e, sobretudo, atender aos seus objetivos. E a dimensão do pragmatismo, onde se tenta neutralizar Ciro Gomes e pavimentar a coligação com o PMDB. Todas elas se confundem no noticiário do fim de semana e nos amplos espaços que as revistas semanais deram a Dilma e à convenção.

No âmbito ideológico, o debate se deu em torno de posições a respeito do aumento da presença do Estado na economia e do apoio às propostas do Plano Nacional de Direitos Humanos, com a revisão dos mecanismos de propriedade e funcionamento dos veículos de comunicação. As propostas colocadas - e aprovadas na convenção - integram um repertório antigo e conhecido de intenções do PT que sempre foram mais "peças de retórica" do que propriamente planos de governo. Daí o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, ter amenizado o impacto das mudanças promovidas nas diretrizes aprovadas na véspera pelo 4º Congresso Nacional do PT.

Outro exemplo do discurso ideológico é a afirmação de André Singer, ex-porta-voz de Lula, de que o PT não deveria buscar o PMDB como parceiro eleitoral. Posição registrada, mas de pouco impacto nas decisões da cúpula. O PT vai com o PMDB pelo simples fato de que é a melhor estrutura política disponível para se ganhar a eleição. No entanto, é uma aliança complicada como qualquer tipo de acordo que envolve estruturas complexas como o PT e o PMDB.

Em uma declaração pragmática, Lula disse que um governo bem-sucedido elege o sucessor. Para tal, acertar os detalhes de uma coalizão com o PMDB e acomodar o PSB são essenciais para o sucesso da empreitada. O PMDB entra com o tempo de televisão e alguns palanques importantes. Mas seu grande valor é o de não se coligar com José Serra.

Mais um exemplo das dimensões do discurso está na questão do papel do Estado. O PT defende o aumento do Estado. Não há nenhuma novidade nisso. A maioria do PT é adepta de soluções estatizantes e de maior intervenção. Após o crash de 2008, a posição de maior intervencionismo estatal na economia ganhou força. Novamente, o embate entre a intenção e o pragmatismo se apresenta. Tendo o intervencionismo como vocação da política nacional, é difícil esperar que seu fortalecimento enfrente resistências sérias. Mas o que deve prevalecer, como fruto do pragmatismo, é a manutenção do tripé Estado - capital nacional - capital estrangeiro, que funciona há décadas no país.

Todos aqueles mais esclarecidos no PT sabem que a estabilidade econômica e aspectos como a Lei de Responsabilidade Fiscal, metas de inflação e câmbio flutuante foram heranças de FHC que fizeram a diferença a favor de Lula. Pragmaticamente, um governo Dilma manterá tais fundamentos protegidos.

Refletindo sobre a extensão e influência do discurso partidário em um eventual governo Dilma, é importante entender que muitas das posições da convenção do PT foram acordadas visando pacificar o partido frente ao desafio das eleições.

O desafio é saber o que sobreviverá ao embate eleitoral e ao pragmatismo necessário para governar com sucesso.



Publicado em: 24/02/2010

 [Imprimir](#)  [Comentários\(0\)](#)  [Enviar por Email](#) Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  [RSS](#)

**Outras edições**